



Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de
Documentação



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel

Biblioteca

Livro n.º 1427 Cota n.º 2-1

Casa da Cultura António Bentes

Biblioteca
(Secção de Recortes)

Um Século em Cuecas

Maria José Mouperrin

Assunto: Moda

Expresso, 13 de Novembro de 1993



SOCIEDADE

Muitos séculos foram precisos para que as chamadas «indizíveis» se tornassem quase indispensáveis. Mas os preconceitos que lhes impediram o uso, até há cem anos, subsistem. Ou se não, porquê tanto «voyeurismo» em redor das cuecas de «Lady Di»?

Um século em cuecas

MARIA JOSÉ MAUPERRIN



NO PRINCÍPIO, delas não se queria saber. Ousadas foram as primeiras que as usaram. Que não foi o pudor que lhes ditou o uso. Antes a sedução. Fizem-nas de seda macia e de veludo, suaves e doces como a pele dos corpos que escondiam. A Igreja lançou-lhes um anátema: «traje de meretriz» (a). Renegadas pelas damas de «bom porte», ficaram-se entre as outras. Esquecidas foram, até a sanguinária Catarina de Médicis as redescobrir. Mas foram mais moda dela, para andar a cavalo, do que da corte. Breve. Os franceses chamam-lhes-iam «as indispensáveis» (a) e os puritanos ingleses «as indizíveis» (a).

Despudoradas, as bailarinas trouxeram-nas para Portugal. Poucos anos tinha ainda o século XIX. Pina Manique, o intendente, não gostou. Expulsou-as e aos seus «traços indecorosos»: as «pantalonas cor-de-carne» e «calcinhas de seda cor-de-rosa» (b). O imaginário masculino não as esqueceu. Um cinto de ligas ou as cuequinhas da amada faziam, como diria Eça, «regalar por dentro» qualquer luso mortal.

Risíveis na forma, tiveram alcunhas depreciativas; «gola alta» quando volumosas e de perna longa. Até que o francês Pierre Valton, há cem anos, corta ali, ajusta acolá, dá nova forma e tamanho às pudibundas calções das nossas trisavós: surgiu o «petit bateau» (c). Ficaram mais pequenas e provocantes com o «charleston». Deixaram de ser clandestinas, ao mostrarem-se nas praias. Fizem-se de «lycra» nos anos 60. Bem ajustadas na cintura e com uma pequena perna. Nada como viriam a ser nos meados da década de 80. Entre a cintura e a perna, poucos milímetros de pano. Mesmo as mais pequenas pareciam mulheres altas. Mas não ficaram por aqui. Continuaram a encurtar e agora é vélas enfiadas en-tre as «indizíveis» partes do corpo. Tornaram-se mediáticas e perderam o fascínio do proibido. Banalizaram-se. Por isso, há quem as queira relegar para o seu primitivo lugar e viver sem elas. Como se dizia no início do século: «As culotes são indecentes porque, escondendo certas coisas, nos obrigam a pensar nelas» (a). Mal sabiam que elas se tornariam também «comestíveis». Basta ir às «sex shops».

«O traje veste a História»
Luís XIV

QUANDO «mademoiselle» de La Fayette, durante uma caçada real, caiu do cavalo e se estatelou, de pernas para o ar, logo o poetastro glosou a caricata cena: «E o meu coração soberbo/Humilde, se rendeu ao amor/ Quando viu o vosso cu, resplandecente, sobre a erva/ Empalidecer a luz do dia» (c). Riu Luís XIV e riu a corte empoada e emproada. Por cima, folhos, laços e rendas,

era a moda. Mas sob o esplendor dos brocados e das jóias, sobretudo, para a mulher, o uso da roupa íntima eram intimidades que lhe escapavam, pertença de outros poderes: os da moral e da religião. Em suma: decisões masculinas. Não quer isto dizer que todas se sujeitassem às regras impostas. As que se opunham eram mais as prostitutas e as aristocratas extravagantes. As primeiras por tradição e as segundas por pro-

vocação. Mas a Igreja não deixava nem umas nem outras pôr o pé em ramo verde. Em Avignon, (1347), que foi terra de papas, para defender os costumes — os bons — obrigara-se as mulheres de «mau porte» a usar uma fita vermelha sobre o ombro esquerdo. Sessenta anos depois, 1416, Veneza exigia-lhes que se vestissem de amarelo. Mesmo os santos, ou por causa de o serem, não as esqueceram. São Bernardino de

Siena foi um deles. Em 1424, dizia: «É preciso que se saiba que as modas, logo que aparecem, são as prostitutas as primeiras a lançá-las» (c). O santo tinha razão. As cortesãs italianas do século XVI aderiram logo ao uso das «calções». Feitas de linho, de seda ou de veludo, rodadas, apertadas nos joelhos e abertas, entre pernas, até à cintura, eram uma réplica dos culotes dos homens. Atenta, a Igreja não aceitou a «modernice»; indignou-se de

tal modo que... proibiu-lhe o uso... Considerava mesmo que nenhuma mulher decente se atreveria a tocar em tal peça de roupa... «traje de meretriz» (a), como lhe chamaram —, quanto mais vesti-la. A regra continuaria a ser a que vinha de há muito: nada «por baixo». Apenas admitiam duas exceções: mulheres idosas, mulheres doentes ou friorentas poderiam envergar aquela indecorosa peça. Um uso por «receita médica». Até porque a medida não era mais do que adaptar ao presente o cumprimento de leis sumptuárias que no ano 397 proibiram o uso da roupa interior.

MUITOS séculos tiveram de decorrer até a roupa interior deixar de ser estigmatizada pelos vários tipos de preconceitos. Muitas alterações políticas e sociais teriam de acontecer para as mulheres poderem, como Marilyn Monroe, em O Pecado Mora ao Lado, guardar, durante os meses quentes de verão, as minúsculas cuequinhas no frigorífico. Ou exibirem-se em «trajes menores», como, há 35 anos, Elizabeth Taylor no filme Gata em Telhado de Zinco Quente. Ou seja: envergando apenas uma justa combinação. Ousadas para os tempos de então, nada comparáveis aos actuais exibicionismos de Madonna. Ainda que, nos anos 70, a socióloga inglesa Angela Carter, referindo-se às peças de «lingerie» desenhadas pela sua compatriota Janet Reger, afirmasse serem, «apesar de informais, peças de roupa obviamente públicas» (d). Na mesma linha, o costureiro francês Jean Paul Gautier — que, inspirado no movimento «punk», se afirmava «cultor da estética do feio» (d) —, no início da década de 80, deu mais uma achega à nova tendência de repescar a roupa oculta. Recria, então, a partir do corpete romântico, o «boustier» que viria a ser tão vulgarizado por Madonna.

Mas esta apetência para tornar público o que se tem querido privado, já nos meados dos «loucos» anos 20 o cinema se apercebera de que o jogo do «mostra e esconde» (b) funcionava como um estímulo erótico ligado a um tabu. Os actores e as atrizes já não se identificavam apenas pelo traje exterior. Metamorfosavam-se. As «stars» emergiam então nos ecrãs, em longos «robes-de-chambre» de cetim com envol-



ventes rebuços de pele branca, ou deixavam ver as escorregadias combinações de seda a modelarem-lhes os corpos. O erotismo ganhava dimensão pública. E, como fora sempre reprimido pela moral, a nova postura das artistas de cinema tinha um efeito de catarse nas outras mulheres; despoletava-lhes o desejo de também elas se tornarem sedutoras e objectos de desejo. Os puritanismos sofriram um novo revés. As «Sinners in Silk» (d) ganha-

vam terreno. E a roupa interior também.

O SENTIDO do casamento romano visava sobretudo a conquista de um dote e a procriação. Ter filhos legítimos que pudessem receber a herança paterna e perpetuassem o corpo cívico; isto é, o núcleo de cidadãos. No primeiro século antes da nossa era, aos homens era-lhes somente pedido que cumprissem todos

os deveres cívicos, inclusive o do casamento. Cem anos depois, têm de passar a ser bons maridos e respeitar oficialmente as mulheres. A moralidade estoica impunha regras: «Se um homem quer ser um homem de bem, é necessário que faça amor só para ter filhos. O casamento não serve para os amores venéreos» (e). E Séneca aconselhava: «Não é preciso tratar as esposas como amantes» (e). Não era decente um homem casado

demonstrar desejo pela sua mulher. Nem tão-pouco consultá-la sobre questões importantes. A mulher era um ser inferior e insignificante. Opinião que São Tomás de Aquino (século XIII) viria a partilhar e a defender: «A mulher foi criada para ajudar o homem, mas só para a procriação, pois que em todas as outras obras ele encontra num outro homem uma ajuda melhor do que numa mulher» (f).

Embora os mais funda-

mentalistas considerassem que «amar demasiado as mulheres e fazer amor em demasia era um sintoma de se ser efeminado» (e), os romanos não se privavam de ter as suas fantasias eróticas com as cortesãs. Originariamente escravas, estas «mulheres mundanas» desde o século II a.C. que se haviam transformado numa elite. Eram então cultas, elegantes, perfumadas e de uma liberdade despudorada em contraste com a docilidade e ignorância das mulheres «sérias». Os seus serviços eram caros e só os muito ricos as podiam frequentar. Influentes, criaram um novo poder na sociedade romana de então: o poder sensual e mundano.

Era fatal que estas mulheres que ganhavam as suas batalhas na cama estivessem dispostas a recorrer a todos as armas para realçar os seus encantos e sedução. Ao contrário das esposas dos homens que atraíam, as cortesãs de Roma estavam dispostas a usar o «strophium» (faixa de pano que envolvia os seios e os achatava), bem como as saias e as crinolinas. E, como se todos estes atavios ainda fossem insuficientes, inventaram a jarreteira (liga de meias) que enfiavam na perna, acima do joelho. Objecto inútil, porque não existiam as meias para segurar; a jarreteira — bordada a jóias — era mais um «fetiche» de provocação do desejo. Como ainda hoje é utilizado pelas bailarinas de «cancan». E foi graças à liga que a duquesa de Salisbury perdeu num baile que o Rei, Eduardo II de Inglaterra, criou a Ordem da Jarreteira. E fez mais o Rei inglês: perante a corte que ria do embaraço da duquesa, Eduardo III disse a histórica frase: «Honnei soit qui mal y pense» (f).

A PESAR da sua total dedicação à arte de seduzir, as cortesãs romanas começavam a ter de enfrentar a concorrência dos efebos. Os adolescentes proporcionavam aos homens um prazer tranquilo que não inflamava a alma, enquanto a paixão por uma mulher mergulhava um homem livre — no conceito romano — numa escravatura odiosa. Estatuto que era impensável qualquer cidadão romano pôr em risco. Sobretudo, por causa de uma mulher. Mas nem a homossexualidade vigente fez abrandar a agressividade das cortesãs. Se os atletas e atrizes haviam adoptado o «subligaculum» — tira de pano de

que uma das pontas enrolava na cintura e a outra passava entre pernas para depois se prender na da cintura — elas não iriam desperdiçar a oportunidade de usar mais uma peça que prometia vir a ter uma grande carga erótica. E assim fizeram. Ainda que não existisse uma moral do corpo (o que aconteceria no século XIII), elas bem sabiam que todo o corpo é, em si, um lugar de tentações. E que das suas partes inferiores surgem naturalmente as pulsões incontroláveis. Quanto mais escondidas estivessem as partes «pudendas», maiores eram os desejos de destapar ou apenas de espreitar. Porém, não foi ainda dessa vez que se impôs a roupa íntima — sobretudo as cuecas, que muitos séculos depois os ingleses baptizariam de «indivízüis» (a). O uso do «subligaculum» ficou confinado a alguns estratos sociais, mas, sempre, sob controlo do poder.

No entanto, como os romanos construíram uma cultura baseada noutra (na dos gregos) e a classe dirigente não hesitava em se apoderar dos valores culturais estrangeiros, não surpreende que no III e IV séculos d.C., num mosaico da Villa de Piazza Armerina, na Sicília, o «subligaculum» apareça representado na forma de alguns «bikinis» actuais ou a relembrar o traje das escravas egípcias.

O CONFLITO que oporia «bárbaros» (eram assim chamados os povos que não falavam latim) a «civilizados» poderia, de forma simbólica, resumir-se como tendo sido uma luta entre os homens de toga e os de calças. Os «bárbaros» consideravam a toga um valor simbólico do poder, enquanto as calças apenas lhes sugeriam trabalho e bravura. Mas também as calças dos «bárbaros» não deixaram indiferentes os «civilizados» romanos. E, para o combate, os exércitos não as dispensavam. Mas só nessas ocasiões. Na vida civil, lá continuavam eles a usar a toga e a túnica. Uma contradição que só seria resolvida na Idade Média. «Com a queda do Império Romano do Ocidente, os latinos passaram a vestir calças sob as túnicas e os 'bárbaros' togas sobre as calças» (e).

Apesar das várias tentativas de alteração do vestuário interior, a mulher romana do III século d.C. continuava a vestir uma primeira túnica — «scubula» —, por cima ➤

da qual usava a «stola» e uma saia. Nada mais de essencial a ocultar-lhe a nudez. E por muitos mais séculos tudo irá continuar assim, neste capítulo do que viria a chamar-se «lingerie» — a que o cristianismo e o islamismo se oporiam ferozmente. Mas tão temível oposição não conseguiria impedir que, durante o século XIII, surgisse o conceito actual de «moda». As transformações económicas, que o mundo ocidental conheceu a partir do século XI, com o desenvolvimento das transacções comerciais com países distantes e o aparecimento da burguesia, haviam sido decisivas: «Ao sair da igreja, ao tomar assento na assembleia camarária, ao participar nas festas, o burguês sentia a necessidade de superar o seu concidado» (g). Mas não só o burguês queria ser admirado e invejado pela opulência do

a única peça de vestuário dos camponeses pobres e dos mendigos. Nos finais da Idade Média, proibidos que tinham

não foram negados à herdeira da «encardida» camisa medieval.

Porém, no século XIX, os novos conceitos de higiene e a luta pela igualdade entre sexos atingem a vetusta «roupa branca», mais um dos eufemismos para designar a roupa interior. Os estampados saem do «ghetto» — até essa altura apenas eram usados pelos mais pobres — e aparecem nas intimidades das senhoras «finas».



sido os banhos públicos e as termas, a roupa interior era uma espécie de escudo protector entre o tecido do traje visível e o corpo pouco dado às lavagens. Isabel, «a Católica», deu fama à cor da sua camisa. Havia o preceito de não se mudar com frequência aquela peça de roupa. Coisas da medicina e da Igreja. Católica fervorosa, Isabel cumpriu a regra. E a sua camisa, com o uso, ficou acinzentada. Também fora ela que introduziu a moda das mangas abertas ao alto, que fechavam, em intervalos regulares, com botões de ouro ou de prata. Por essas aberturas longitudinais saíam, ao longo do braço,

tufos da camisa. Foi assim que a corte pôde observar o tom encardido do traje íntimo real, que ficaria conhecido por «isabelino». Pese ainda a diferença de épocas, Joséphine de Beauharnais, a primeira mulher de Napoleão, mostrou-se bastante mais limpa do que a católica Isabel de Castela. Tinha 500 camisas e, talvez, por isso, mudava-as não apenas diariamente mas várias vezes no mesmo dia. Na segunda metade do século XV, a camisa vê alterado o seu estatuto de protector da sujidade entre o corpo e o fato. Tanto no traje masculino como no feminino, deixam-se ver grandes decotes, que eram então a moda. E, como o recôndito emergia, logo a imaginação encontrou formas de o embelezar. As jóias e os bordados



de uma espécie de estopa de linho: o «bragal». «As camisas de linho custavam, em 1253, tanto como um par de sapatos de couro de carneiro, e o dobro das confeccionadas com 'bragal'» (g). Sobre a camisa, punham o «brial» (g), uma espécie de saia de alças, ajustada da parte inferior dos seios até às

coxas, e a terminar num plissado. A palavra «brial» cairia em desuso; um novo vocábulo surgiria na mesma época: saia. O «pelote» tinha uma conexão diferente da que usualmente lhe é dada. Era peça para tapar e não para desnudar: um vestido muito complicado, quase sempre com cauda, que podia ser aberto, sem mangas e com cavas que desciam abaixo das ancas e por onde se via a «saia». Mas, atenção, que as senhoras deste país já vestiam «calças» nos séculos XIV e XV. Feitas em tecido de lã muito fino, eram atadas por baixo do Joelho.

Até ao século XIX, a falta de higiene, sobretudo nas classes sociais mais baixas, consti-

tuiria uma difícil barreira à evolução do traje. A revolução industrial abriria ainda mais o fosso entre trabalho intelectual e braçal. Entre os

homens, a brancura «imaculada» da camisa tornou-se num estatuto simbólico. O elegante Brummell dizia que o segredo do seu «dandismo» se devia à qualidade da sua «roupa branca: «Muita, de boa qualidade, e de uma perfeita brancura» (h). Mas a regra não exclui a excepção. Em Portugal, nos anos 60, ainda era hábito, sobretudo em zonas rurais, tomar banho uma vez por ano, em alturas de festa. A «roupa branca» era usada mais do que, no presente, qualquer olfacto permitiria.

lo, não fizeram história; são apenas pequenos e extravagantes episódios na história do traje. O caso da imperatriz Joséphine é exemplar. Para 500 camisas, dois pa-



vestuário. Os nobres não escaparam também à competição sumptuária da vida da corte.

No entanto, a grande mudança dá-se no vestuário masculino. Até finais da Idade Média, o traje feminino continuará a estar ligado à tradição.

Durante séculos, a única peça de roupa íntima usada pelas mulheres fora a camisa. No século XVI, Lucrecia Borgia tinha duzentas. Para as gentes de linhagem elas podiam ser confeccionadas em tecidos fabricados em França e nos Países Baixos, sobretudo em Reims e Cambrai (Itália). Mas o linho era o tecido mais comum. O algodão só viria a ser utilizado na roupa interior no século XIX. Costurada em casa, era cortada com a forma de um T e com mangas compridas. Era





res de «calções» de seda cor-de-carne, para montar. Não será errado dizer que, até ao século passado, as mulheres utilizaram as cue-

por recato, as mulheres vestiam-nas, quando patinavam. Nos finais do século XVII, aparecem como moda infantil. As crianças passam a usar umas «calçonas» que descem abaixo da saia do vestido.



cas ou como forma de provocação ou, excepcionalmente, como resguardo do pudor. Na época oitocentista, as bailarinas eram obrigadas a usá-las. Na Holanda,

Mas o século XIX traz outras novidades. Multiplicam-se as peças de «lingerie». Em 1850, as mulheres, sob os vestidos, usavam pelos menos dez outras peças de roupa. Moda que só mudará 30 anos depois com o adelgaçamento da silhueta feminina. Os manuais de moda passam a aconselhar supressão da camisa por engrossar demasiado, e recomendam que a roupa interior seja estudada de maneira a adaptar-se exactamente às li-

nhas do corpo. Estava a chegar a combinação que de tão justa chegou a ter uma abertura lateral que apertava com colchetes.

Enquanto a mulher «séria» escondia o corpo sob crinolina e uma imensidade de saias e saiotes, corpinhos e corpetes, as outras fazem espectáculo do despir: nascia o «strip tease». Os tempos eram de mudança. As mulheres clamam pela igualdade de direitos. As sufragistas repudiam a moda que as espartilhava e adoptam um vestuário masculinizado. Mas a «lingerie» é particularmente feminina: sedas e rendas bem junto à pele. Esta revolução vai atingir apenas as classes ricas. A «roupa de corpo» não vai mais ser para «esconder» mas para «convidar». Será a partir da I Grande Guerra que ela vai chegar, com a confecção industrial, a todas as classes. Porém, em 1925 ainda fazia escândalo o fato de banho em «jersey» de lã que mostrava as pernas e as costas das banhi-

tas. Dez anos depois, começam a aparecer as duas peças — calção e «soutien» — que se vão manter até aos anos 50. A partir daí, as mulheres podem escolher entre o «bikini» e o fato de banho. Claro que, uma vez mais, a adopção da moda dependia do estrato social. Nos anos 60, ainda se viam, nas praias portuguesas, mulheres tomar banho em combinação ou com saia e blusa.

NÃO HÁ dúvida que a moda nasceu para servir o homem e não a mulher. Disso é prova a mudança no vestuário em meados do século XIV, que marca uma diferença radical entre moda masculina e feminina. Esta tendência de a moda privilegiar o traje masculino vai manter-se até à época de oitocentos. No entanto, sobre a «roupa branca» masculina pesaram igualmente preconceitos sociais. Em 1905, o autor da publicação **Conselheiro do Vestuário Masculino** recomendava aos seus leitores: «Jamais uma peça de roupa deverá ficar exposta aos olhares em sítio algum» (i). Em Roma sê romano; e, como as mulheres, também os homens apenas tapavam os «pudores» quando faziam exercícios físicos. Na Idade Média, os monges viram-se em palpos de aranha para agradar a São Bento. Proibira-os o santo de usarem os «calções» — que já eram roupa íntima dos homens sem aspirações a santos —, apenas lhes permitindo envergá-los no convento. Não lhes era também



consentido pô-los, depois de lavados, a secar na cerca ou jardins do mosteiro. O estendal das intimidades é conquista dos nossos tempos. E quem não acredite passeie, por exemplo, por Lisboa.

No século XV apareceram os «collants» que, usados muito justos, serviam de calças. O que os homens podiam ter vestido por baixo desapareceu. Também os «elegantes» do «ancien régime», até 1789, usavam calças pelo joelho, mas tão justas que nada lhes era consentido pôr entre elas e a pele. Conta-se que o conde de Artois as usava tão apertadas que só



Sigmar Polak

as conseguia enfiar com o auxílio de vários criados. Mais atinado parecia ser o marquês de Guines que mandava sempre fazer dois pares para cada jaqueta: umas que vestia para estar de pé e as outras para quando tinha de se sentar.

Também como as mulheres, os homens de novecentos podiam ter 19 camisas; ceroulas não seriam mais

do que quatro. Para tornar estas peças mais atraentes, ornavam-se os cócs com pespontos. Eram de linho no Verão e de malha no Inverno.

No século XX, os americanos aparecem no mercado europeu com roupa interior própria para desporto: cuecas largas, pelo joelho, (tipo «boxer short») com camisola a condizer. Iniciativa sem êxito. Os europeus continuaram a usar o mesmo tipo de cuecas que já eram então bastante mais pequenas e justas. Nos anos 60 atingiram o «must» da pequenês. Foi a era do «slip». A cueca masculina passa a ser também um objecto de sedução. E o erotismo masculino torna-se uma evidência que nem os



Clara Azevedo